



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 12, art. 5, p. 109-122, dez. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.12.5>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



A Despropriação e o Desapossamento do Mundo Natural

Disappointment and Depropriation of the Natural World

Sonia Aparecida de Carvalho

Doutora em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí
sonia.adv.2008@hotmail.com

Endereço: Sonia Aparecida de Carvalho

Escritório de Advocacia, Escritório de Advocacia.
Avenida: Afonso Pena, Centro, 95300000 - Lagoa
Vermelha, RS - Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

**Artigo recebido em 13/10/2022. Última versão
recebida em 27/10/2022. Aprovado em 28/10/2022.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O objetivo geral do artigo é investigar a desapropriação e o desapossamento do mundo natural, assim como os atos do ser humano de degradar e poluir o meio ambiente natural como formas de apropriação e a posse do mundo natural. Os objetivos específicos do artigo propõem pesquisar a biocapacidade de resiliência do ecossistema no mundo natural e a capacidade da pegada ecológica de avaliar a pressão ambiental provocada pela ação humana no planeta Terra; estudar os atos de degradar e poluir praticados pelo ser humano como formas de se apropriar e apossar do mundo natural; investigar a evolução do ser humano no mundo natural, como a relação da civilização humana e a apropriação da natureza. Por fim, na pesquisa do artigo, foi utilizado o método indutivo, instrumentalizado com as técnicas do referente, da categoria, do conceito operacional e da pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Desapossamento. Desapropriação. Mundo natural.

ABSTRACT

The general objective of the article proposes to investigate the expropriation and dispossession of the natural world, as well as the human being's acts of degrading and polluting the natural environment as forms of appropriation and possession of the natural world. The specific objectives of the article propose to research the ecosystem's resilience biocapacity in the natural world and the capacity of the ecological footprint to assess the environmental pressure caused by human action on planet Earth; to study the acts of degrading and polluting practiced by human beings as ways of appropriating and taking possession of the natural world; investigate the evolution of human beings in the natural world, such as the relationship of human civilization and the appropriation of nature. Finally, in the research of the article, the inductive method was used, instrumentalized with the techniques of the referent, the category, the operational concept and the bibliographic research.

Keywords: Disposal. Expropriation. Natural world.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar a desapropriação e o desapossamento do mundo natural. Diante do tema pesquisado, indaga o artigo: o ato de degradar e poluir o meio ambiente natural pelo ser humano é forma utilizada para a apropriação e a posse do mundo natural? A hipótese que se apresenta é a de que a ação do ser humano de degradar e poluir o meio ambiente natural é forma de apropriar e apossar do mundo natural e de demarcar a propriedade do território.

Inicialmente, o artigo pesquisa a biocapacidade de resiliência do ecossistema no mundo natural e a capacidade da pegada ecológica de avaliar a pressão ambiental provocada pela ação humana no planeta Terra.

Posteriormente, o artigo estuda os atos de degradar e poluir, praticados pelo ser humano como formas de se apropriar e apossar do mundo natural. A posse do mundo e a posse do homem são ações que demarcam a propriedade do território.

Finalmente, o artigo investiga a evolução do ser humano no mundo natural. A ação humana acelera a poluição e destruição de vários ecossistemas e transforma a paisagem ecológica do meio ambiente natural.

Enfim, o artigo investiga a civilização humana e a apropriação da natureza. A ação do ser humano acelera a poluição e a destruição de vários ecossistemas e transforma a paisagem ecológica e ambiental do mundo natural.

Nesse sentido, na investigação do artigo, utilizou-se o método indutivo, baseado nas técnicas do referente, da categoria, do conceito operacional e da pesquisa bibliográfica (PASOLD, 2011, p. 25-105).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A resiliência do ecossistema no mundo natural¹

A pegada ecológica analisa o problema da insustentabilidade em nível global e a necessidade de mudanças nas formas de relacionamento dos seres humanos com o ambiente, no seu estilo de vida e nas múltiplas dimensões de degradação e poluição dos socioecossistemas. Dessa maneira, “o consumo excede a capacidade de suporte, se sustenta do

¹ Alguns trechos/parágrafos citados foram publicado na Tese de Doutorado (CARVALHO, 2017).

capital natural e as pressões humanas sobre o meio ambiente reduzem continuamente a capacidade de suporte do planeta Terra” (DIAS, 2002, p. 194). A pegada ecológica é baseada na avaliação de que para cada recurso consumido, certa quantidade de terra ou de ecossistema é exigida para prover o consumo e absorver os resíduos e dejetos (DIAS, 2002, p. 191).

A pegada ecológica é baseada no conceito de capacidade de carga, que permite calcular a área de terreno produtivo necessária para sustentar o estilo de vida dos seres humanos no planeta Terra. Além disso, analisa o consumo de recursos naturais e a geração de lixo produzido por uma sociedade, avaliando até que ponto o impacto já ultrapassou o limite, pois quanto maior for o impacto produzido pelos seres humanos ou sociedade analisada, maior será a área atingida pela pegada ecológica.

Desse modo, “a pegada ecológica calcula a extensão territorial necessária para atender as necessidades da população mundial, a partir da consideração da capacidade de produção e regeneração que a natureza tem, também chamada de biocapacidade” (RODRIGUES FILHO; SANTOS, 2011, p. 24). Além disso, a pegada ecológica é um método de avaliar a pressão ambiental que cada item de consumo exerce sobre a natureza. Até o final da década de 70, o conceito de sustentabilidade foi usado para identificar o rompimento da resiliência de um ecossistema. “A resiliência é a capacidade de se recuperar ou de se adaptar a mudanças. Quando a resiliência de um ecossistema é rompida, isso quer dizer que ele perdeu essa capacidade e desaparecerá” (VEIGA, ZATZ, 2008, p. 72). Logo, nos ecossistemas:

A resiliência é definida como a capacidade de um sistema de se recuperar e retornar a seu estado anterior após sofrer uma perturbação. O grau de resiliência de um sistema está ligado, desse modo, à sua possibilidade de tolerar mudanças sem entrar em colapso (MATIAS, 2014, p. 55).

Ademais, “a resiliência é a capacidade de um sistema em manter-se a despeito de um transtorno, sem passar para um estado novo. Também, se define como a capacidade do sistema de retornar ao seu estado original” (ALIER, 2012, p. 77). A pegada ecológica mede o grau de esgotamento dos recursos naturais, sendo “uma ferramenta que permite mostrar o quanto ultrapassamos os limites de regeneração da natureza” (MATIAS, 2014, p. 19).

A pegada ecológica também mede a pegada de carbono do ser humano, oriunda da queima de combustíveis fósseis, no planeta Terra. A pegada de carbono da humanidade é a principal causa das mudanças climáticas, pelo motivo que os seres humanos geram emissões de gás carbônico em velocidade muito mais rápida do que absorve o planeta Terra.

Deste modo, “foi no fim do ano de 1980 que a pegada ecológica superou a capacidade de recuperação dos ecossistemas” (MATIAS, 2014, p. 19) ou dos recursos naturais. Até o

final do ano de 1970, o conceito de desenvolvimento sustentável foi usado para evocar a possibilidade de um ecossistema não perder sua resiliência e sua sustentabilidade.

Consequentemente, a “resiliência é a capacidade de um ecossistema de absorver as tensões ambientais sem, perceptivelmente, mudar seu estado ecológico para um estado diferente” (VEIGA apud CARVALHO; SANTOS, 2015). “Resiliência é a capacidade de se recuperar ou de se adaptar às mudanças. Quando a resiliência de um ecossistema é rompida, isso quer dizer que ele perdeu essa capacidade e desaparecerá” (VEIGA, 2008, p. 68). Portanto, a resiliência é a capacidade que tem um sistema de enfrentar as tensões mantendo suas funções e estruturas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Degradar e poluir para se apropriar do mundo natural

O homem ou ser humano é o primeiro ser vivo que cercou seu meio ambiente natural, tornando-se o primeiro proprietário e, ao mesmo tempo, o primeiro dos poluidores do ambiente em que cercava e habitava, pois da poluição vem a apropriação e vice-versa, visto que, inversamente, não poluir equivale a não se apropriar e não se apossar. O mal limpo mostra que os poluidores poluem o mundo para se apossar e se apropriar (SERRES, 2011, p. 83).

Desde o século XIX, com o desenvolvimento da sociedade, a poluição do meio ambiente natural aflige o ser humano e provoca uma mudança no modo de apropriação do mundo natural. “A poluição do meio ambiente natural resulta da vontade humana de se apoderar do mundo” (SERRES, 2011, p. 88) e, também, de que o ser humano polui o meio natural em que vive, na intenção de possuí-lo ou de apropriá-lo.

Segundo afirma Serres, na evolução do homem como um ser animal e um ser social, para marcar o território e garantir a propriedade, o ato de sujar o ambiente em que vive para se apropriar tem origem animal etológico (SERRES, 2011, p. s. p.).

O poluidor suja o mundo para dele se apropriar. É uma relação humana e ambiental ou ecológica entre o sujo e o limpo, pois o sujo e o limpo delimitam a propriedade do território.

A posse do mundo e a posse do homem caracterizam-se quando “a poluição dura se apropria do mundo duro, tão perigoso quanto ou até mais nociva”. Essa nocividade, às vezes visível, domina o território das coisas e das relações humanas. “Quando a poluição suave se apropria dos homens”, é tão sutil quanto ou até mais suave. “Essa suavidade, às vezes

invisível” controla o território das coisas e das relações humanas tão rapidamente quanto a dureza, pois a apropriação e a posse do mundo impedem que se compreenda o mundo natural (SERRES, 2011, p. 80).

De acordo com Serres, os possuidores do mundo são os donos dos territórios, pois “a poluição e sua forma de sujar tomam posse” (SERRES, 2011, p. 77) e apropriação de coisas, definindo a posse e a apropriação de coisa como uma sujeira. Desse modo, para se apropriar de determinado lugar, os homens como seres racionais, agem como os animais, seres irracionais, marcam seu território com excrementos, dejetos, lixos e resíduos (SERRES, 2011, p. s. p.). Os atos de poluição e degradação correspondem a uma expansão no território que o homem ou ser humano não pode mais possuir.

No início do século XVIII, Joseph Addison (Apud THOMAS, 2010, p. 403) percebeu que “os elementos de uma bela paisagem não eram sempre os mais proveitosos para sua maravilha”, pois a “união entre a beleza e a utilidade como cada vez mais difícil de alcançar”. Dessa maneira, “onde quer que o homem apareça com suas ferramentas, a deformidade segue sua trilha” (THOMAS, 2010, p. 403) e deforma a beleza da paisagem. O homem com suas ferramentas destrói o meio natural em que habita, aniquila o mundo natural em que vive.

No período antigo, a relação do homem com o mundo natural, a civilização humana, caracterizava-se pela conquista e dominação da natureza, pela sujeição do mundo natural. O mundo natural sempre foi fonte de recursos naturais e, no período atual, o homem caracteriza-se pela sua dependência e vinculação dos recursos da natureza e do meio ambiente natural em que vive (THOMAS, 2010, p. 33).

Desde o tempo antigo da evolução das espécies vivas e da civilização humana no planeta Terra, a espécie humana sempre conquistou e dominou a natureza, pois o mundo vegetal sempre foi desejo de conquista e posse pelo homem. A espécie humana sempre dependeu do meio natural e dos recursos naturais para viver.

Ao longo do período moderno ocorreram transformações na maneira de como se percebia e se classificava o mundo natural. [...] O predomínio humano sobre o mundo vegetal e animal se constituiu e se constitui numa precondição básica da história humana (ALMEIDA, 2011, p. 310).

Desse modo, verifica-se “o predomínio humano a partir da antropocêntrica visão de mundo, [...] e de sujeição do mundo natural, na singularidade humana, na conservação de fronteiras entre homem e mundo natural e na existência de seres humanos inferiores” (ALMEIDA, 2011, p. 311). Os animais e as plantas ou vegetais sempre foram desejos de

conquista da natureza.

Nesse sentido, Vozmediano (2012, p. 22) refere que o homem é, intrinsecamente, um ser insustentável, já que é um ser egoísta e egocêntrico desde o seu nascimento, com tendência a se apropriar de todos os objetos. Já no início da vida apropria-se do carinho absoluto dos pais, na fase seguinte de todo o dinheiro e poder que puder acumular, dedicando sua vida a ganhar e comprar tudo o que puder, envolvendo-se em um ciclo vicioso de consumo, passando por cima, inclusive, da sociedade, do meio ambiente e da natureza.

3.2 A evolução do ser humano no mundo natural

O meio ambiente natural é constituído pelo equilíbrio entre os seres vivos e o meio em que vivem no ecossistema. “O ecossistema é o conjunto de seres vivos e [...] as relações entre esses seres vivos e ainda suas relações com o ambiente”. (RODRIGUES FILHO; SANTOS, 2011, p. 52). O ecossistema e o meio ambiente natural são dotados de valores intrínsecos, são bens superiores à espécie humana, porém “o meio ambiente não está dotado, neste caso, de um valor intrínseco” (FERRY, 1994, p. 22), pois prevalece a percepção de que a espécie humana está dotada de um valor intrínseco. Entretanto, diante da percepção antropocêntrica e do desejo de conquista de posse e apropriação da natureza, “se o homem continuar destruindo o meio ambiente que o cerca, o homem corre o risco de colocar sua própria existência em perigo” (FERRY, 1994, p. 22), comprometendo, assim, a existência da espécie humana.

A sexta extinção é o efeito do impacto que a espécie humana tem causado no meio natural do planeta Terra, alterando o ciclo natural de vários processos biogeoquímicos, bem como a transformação das paisagens naturais. Todos esses impactos são efeitos de inúmeros processos naturais e não naturais, vinculados ao crescimento da população humana (CALAÇA, 2018, p. 240). A extinção é um fato que surgiu na Terra juntamente com a vida e com a existência das espécies. O ser humano e “sua própria existência se colocam acima de todas as demais espécies do planeta Terra” (CALAÇA, 2018, p. 240).

O impacto da pressão sobre os limites no planeta Terra se manifesta de formas distintas, como a perda da biodiversidade e a destruição do ecossistema. A humanidade está colocando muita pressão sobre a Terra, que está causando o aumento da extinção de espécies. Esta extinção de espécies está associada à perda da biodiversidade. A perda da biodiversidade e a destruição do ecossistema estão causando o aniquilamento das espécies, a sexta extinção das espécies da história do planeta Terra (SACHS, 2015, p. 519-520). A biodiversidade inclui a diversidade de espécies bióticas dentro de um ecossistema, como as diversas relações entre

as espécies.

O ser humano deve compreender que a biodiversidade é um ecossistema, é um conjunto de plantas, animais e vida, com a parte biótica em constante interação com a parte abiótica do meio ambiente. Também, o ser humano deve compreender o ecossistema e que somente o ser humano pode evitar a sexta grande extinção que ameaça as espécies, entre elas a *Homo Sapiens*, os seres humanos. (SACHS, 2015, p. 520)

A ação humana acelera a poluição e a destruição de vários ecossistemas e transforma a paisagem ecológica. Na extinção da própria espécie humana, “a humanidade será eliminada pela transformação da paisagem ecológica”. A espécie humana é “dependente dos sistemas biológicos e geoquímicos da Terra”, pois ao alterar esses sistemas - deteriorar o meio ambiente natural, poluir os recursos naturais e alterar a composição da atmosfera - a espécie humana coloca em risco a própria sobrevivência e provoca a destruição da humanidade (KOLBERT apud CARVALHO; PIRES; FAGUNDES, 2020, p. 178).

O mundo está passando por uma crise de aniquilação biológica de suas espécies animais, por um fenômeno considerado a sexta extinção em massa. O planeta Terra está sofrendo os efeitos de extermínio de seres vivos, sofrendo a sexta extinção das espécies, causada pela alteração ou modificação da humanidade na paisagem ecológica. Também, a espécie humana pressiona outras espécies de seres vivos para a extinção, pois “a humanidade está serrando o galho da árvore, sobre o qual está sentada”. (KOLBERT apud CARVALHO; PIRES; FAGUNDES, 2020, p. 179)

O ser humano, considerado espécie, alterou o meio ambiente natural e transformou a vida de espécies animais e vegetais no planeta Terra como nenhuma espécie o fizera até hoje. O ser humano causou a extinção de várias espécies, como também está causando a extinção de sua própria espécie, a *Homo Sapiens*, pois algumas espécies do planeta estão desaparecidas, outras em vias de extinção. (KOLBERT, 2015) O *Homo Sapiens* age de forma hostil com outros seres, está agindo não apenas contra o planeta Terra, mas, conseqüentemente, contra si mesmo, contra a própria espécie humana.

3.3 A civilização humana e a apropriação da natureza

O progresso do mundo influenciou civilizações e povos durante toda a história da evolução humana. Deste modo, o ser humano teria avançado “desde uma condição nativa de primitivismo, barbarismo e até inutilidade, [...] e continuará avançando para um futuro

previsível” (NISBET apud DUPAS, 2006, p. 31). O ser humano acreditava o progresso como caminho de desenvolvimento de povos e civilizações.

O progresso é visto como um processo, como um caminho que levará a humanidade rumo à prosperidade. (DUPAS, 2006, p. 26) Desse modo, para J. B. Bury (*Apud* DUPAS, 2006, p. 30) “o progresso humano envolve uma visão do passado e uma profecia sobre o futuro”. Também, para Robert Nisbet, o progresso é uma ideia de caminho, “o tempo caminha para frente, avançando sempre de uma condição inferior para outra superior”, de “passagem de um estágio inferior para um superior”. (NISBET apud DUPAS, 2006, p. 31) O processo do progresso humano causa a crise de natureza social, ambiental e gera a catástrofe de espécie humana, animal e vegetal.

Ao longo dos tempos, a espécie *Homo Sapiens*, considerada espécie Ser Humano, evoluiu e conquistou o domínio da natureza no planeta Terra. Essa evolução e dominação da natureza interferiram, de forma acelerada, nos ecossistemas do mundo natural. A espécie ser humano é considerada um animal racional inserido no meio ambiente natural (CAROLA; CABRAL, 2013). Na história natural, a ecologia ensina que nas relações entre os animais e o meio ambiente natural:

Um animal, qualquer que ele seja, qualquer que possa ser sua colocação na escala zoológica, tem sempre que lutar contra o meio que o cerca, para não ser vencido, para poder viver e reproduzir-se. Ensina que luta e competição são leis da natureza e que a vida é uma constante luta contra o meio, e do meio contra o ser, entretanto, nessa luta entre o ser e o meio que o cerca, devem existir relações harmônicas, e o animal deve adaptar-se ao meio. (CAROLA; CABRAL, 2013, p. 868)

As concepções de natureza e sensibilidade ambiental consistem na transformação na “sensibilidade da cultura humana em relação à percepção sobre o mundo natural, uma mudança de mentalidade e de novas sensibilidades em relação a animais, plantas, paisagens e ambientes naturais” (CAROLA; CABRAL, 2013, p. 862). Percebe-se, assim, a sensibilidade da cultura humana e do mundo natural.

Portanto, na evolução da história do mundo natural, a ecologia estuda as interações entre os seres vivos e seu meio ambiente natural, como também ensina as relações mútuas entre os animais e o meio ambiente natural. A ecologia analisa os ciclos de vida da natureza.

No período passado, o desenvolvimento da Revolução Científica, a humanidade admite sua ignorância e começa a conquistar o conhecimento e o saber do mundo natural. No período da Revolução Industrial, há avanço da produção industrial e tecnológica vinculada à atividade humana, que acarreta a extinção em massa de plantas e animais.

Os *Sapiens* estão sujeitos às mesmas forças físicas, reações químicas e processos de seleção natural que governam todos os seres vivos. [...] A implicação é a de que, não importam seus esforços e conquistas, os *sapiens* são incapazes de se libertar de seus limites determinados biologicamente. Mas no início do século XXI, isso já não é verdade: o *Homo Sapiens* está transcendendo esses limites. Está começando a violar as leis da seleção natural, substituindo-as pelas leis do design inteligente. (HARARI, 2015, p. 407)

Dessa maneira, Harari, por meio de uma análise cronológica, afirma que no período presente, “os humanos transcendem os limites do planeta Terra”, observando-se, progressivamente, que “os organismos são moldados por design inteligente e não por seleção natural”. Em relação ao futuro, questiona: “O design inteligente se torna princípio básico da vida? O *Homo Sapiens* é substituído por super-humanos?”. (2015, p. 5)

O desenvolvimento de existência do *Homo Sapiens* está passando muito acelerado, a não ser que alguma catástrofe nuclear ou ecológica e ambiental intervenha, o desenvolvimento tecnológico acelerado logo levará à substituição do *Homo Sapiens* por seres completamente diferentes (HARARI, 2015, p. 422).

Conforme explica Harari (2015), o progresso da humanidade divide-se em três grandes revoluções: A revolução cognitiva ou conhecimento, que é o avanço da espécie humana. A revolução agrícola, que é a utilização dos recursos naturais através da atividade humana. E a revolução científica que, através do conhecimento da tecnologia, coloca em risco a existência da humanidade, como também os riscos das consequências futuras dos avanços científicos e tecnológicos.

No entanto, o *Homo Sapiens* mantém vários modos de relações ecológicas e interações com os demais de sua espécie, com outras espécies e com o planeta que o hospeda. Os tipos de relações variam das de cooperação até as de competição. (RIBEIRO, 2013, p. 41) Também, o homem/ser humano é um ser animal político, pois para ele “as formas de interações biológicas e ecológicas se reproduzem no campo das relações políticas, sociais e econômicas” (RIBEIRO, 2013, p. 42).

A espécie humana provoca transformações em seu *habitat*, causa mudanças ecológicas no uso da Terra. “O *Homo Sapiens* se multiplicou em números e em tipos de desejos e necessidades, como aumentou sua densidade demográfica” no meio ambiente em que habita. Também, “exerce pressão sobre a capacidade de suporte do ambiente e os limites de seu planeta”. (RIBEIRO, 2013, p. 43)

Desde os tempos antigos até os dias atuais, a crise ambiental evoluiu ocasionada pela interferência da ação humana no meio ambiente natural e pelo progresso da civilização no mundo. Também, a interferência da atividade do ser humano causou implicação no meio

natural (WALDMAN, 2006). A relação da civilização humana com o meio ambiente natural que decorreu do passado do homem sempre refletiu a apropriação da natureza.

A relação da cultura com o ambiente do mundo associava-se a diferentes intervenções na natureza. “No passado a intervenção do homem no meio ambiente natural refletia não uma negação ou contradição com os ritmos de espaços-tempos da natureza, mas sim sua apropriação sutil” (WALDMAN, 2006, p. 77) e suave de dominação do entorno ambiental.

Para o homem/ser humano moderno, o meio ambiente natural ou natureza é elemento de progresso. O homem/ser humano moderno busca o território no espaço-tempo e, conseqüentemente, causa a poluição e degradação da natureza. “O homem contemporâneo está em conflito permanente com o outro de si mesmo, visto como uma espécie de intruso alojado no seu interior, um invasor de corpo preocupado em devorá-lo por dentro” (WALDMAN, 2006, p. 185) e por fora do ambiente natural em que vive.

Deste modo, o homem está “separado fisicamente dos seus semelhantes, fica comprometido para o homem moderno qualquer vínculo duradouro do indivíduo com o coletivo e com o espaço público” (WALDMAN, 2006, p. 185). No mundo, o homem/ser humano moderno está separado fisicamente de outros homens ou seres vivos no espaço-tempo, mas, ao mesmo tempo, ele busca conviver no território com os demais seres humanos, animais e vegetais.

Conforme explica Harari (2015, p. 425), nos milênios anteriores, o *Homo sapiens* ainda era um animal insignificante, cuidando da sua própria vida no *habitat* natural em que vivia. Nos milênios posteriores, ele se transformou no senhor de todo o planeta e no terror do ecossistema. Atualmente, ele é um animal significativo, se transformou num Deus, no dono do mundo, pois está destruindo a própria espécie, assim como as demais espécies animais que habitam o planeta Terra e, além disso, o próprio *habitat* em que vive. Dessa forma, o animal *Homo Sapiens* se transformou num Deus todo poderoso, senhor de todo o planeta Terra, com poder de domínio sobre os seres vivos e de posseção do mundo natural.

Portanto, nas últimas décadas o ser humano progrediu na condição humana e social, na situação de animal *Homo Sapiens* e na melhoria no destino da humanidade. No entanto, “a situação de outros animais está se deteriorando mais rapidamente do que nunca” (HARARI, 2015, p. 425). Em consequência do progresso humano e social, o *Homo Sapiens* está destruindo os outros animais e degradando e poluindo o ecossistema no território em que habita, vive e evolui.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tempo atual, a sociedade moderna vive uma crise cultural, ambiental e ecológica derivada da evolução da civilização humana. Porém, a crise cultural, ambiental e ecológica não é derivada apenas da evolução da civilização humana, mas é procedida do progresso cultural.

Diante dessa perspectiva, a pesquisa do artigo demonstra que o ecossistema do planeta Terra possui a biocapacidade de resiliência do mundo natural, mesmo diante da poluição e degradação provocadas pelo ser humano. Também, evidencia que a pegada ecológica possui a capacidade de regeneração da natureza ou do meio ambiente natural.

Nesta expectativa, o estudo conclui que os atos de degradar e poluir praticados pelo ser humano são formas de se apropriar/apossar do mundo natural. Além disso, a ação humana acelera a poluição e destruição de vários ecossistemas e transforma a paisagem ecológica e ambiental da natureza.

Enfim, o artigo investiga a civilização humana e a apropriação da natureza, concluindo que a ação do ser humano acelera a poluição e destruição de vários ecossistemas e transforma a paisagem ecológica e ambiental.

Desse modo, a pesquisa confirma que o meio ambiente natural ou natureza é o elemento de progresso cultural para o homem/ser humano. Consequentemente, que o mundo natural é a forma de utilização, posse e apropriação para a espécie humana.

Portanto, é indispensável que o ser humano assuma uma atitude de não propriedade e posse do mundo natural, como também diminua a marca da sua passagem humana no meio ambiente natural e sua pressão da pegada ecológica no planeta Terra.

REFERÊNCIAS

ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração.** Tradução de Maurício Waldman. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ALMEIDA, C. S. “Converter” natureza em cultura? o mundo natural e as novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e à paisagem. **Revista Esboços.** Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 310-315, ago. 2011. file:///D:/Downloads/20988-Template%20da%20submiss%C3%A3o-78447-1-10-20120403.pdf.

BERNARDIN, P. **O império ecológico: ou a subversão da ecologia pelo globalismo.** Tradução de Diogo Chiuso e Felipe Lesage. Campinas: Vide Editorial, 2015.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é.** Petrópolis: Vozes, 2012.

CALAÇA, F. J. S. Contemplando a dizimação do Antropoceno: uma história não natural sobre o sexto evento de Extinção em Massa. **HALAC - Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña.** v. 8, n. 2, december, p. 239-242, 2018. Disponível em: <http://halacsolcha.org/index.php/halac>.

CAROLA, C. R.; CABRAL, G. S. Concepções de natureza e sensibilidade ambiental nos livros didáticos de História Natural (1934-1971). **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos – RBEP.** Brasília, v. 94, n. 238, p. 858-880, set./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n238/a11v94n238.pdf>.

CARVALHO, S. A. **A governança da política nacional de recursos naturais: a (in) sustentabilidade do caso brasileiro de reflorestamento paralelo Brasil e Espanha.** Tese de Doutorado (Curso de Doutorado em Ciência Jurídica). Programa de Pós Graduação Stricto Sensu da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Itajaí, SC: UNIVALI, 2017. 331 p. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/73647/1/tesis_sonia_aparecida_de_carvalho.pdf.

CARVALHO, S. A; PIRES, N. S. S; MACHADO, M. F. Vírus COVID - 19: a vingança da natureza ou meio ambiente natural. In: NISTLER, Regiane. **Estudos sobre Direito, Globalização e Sustentabilidade.** v. 1. Erechim: Deviant, 2020. p. 173 -186.

CARVALHO, S. A; S, WAGNER, C. A governança transnacional da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável. In: V Fórum De Sustentabilidade Inovação Tecnológica E Sustentabilidade: Desafios E Perspectivas. Cruz Alta-RS: **Unicruz**, 2015, v. V, p. 1-15. Disponível em: <http://www.forumdesustentabilidadeunicruz.com/>.

DIAS, G. F. **Pegada ecológica e sustentabilidade humana.** São Paulo: Gaia, 2002.

DUPAS, G. **O mito do progresso: ou progresso como ideologia.** São Paulo: UNESP, 2006.

FERRY, L. **A nova ordem ecológica: a árvore, o animal, o homem.** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1994.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade.** Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

KOLBERT, E. **A sexta extinção: uma história não natural.** Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MATIAS, E. F. P. **A humanidade contra as cordas: a luta da sociedade global pela sustentabilidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

PASOLD, C. L. **Metodologia da Pesquisa Jurídica: teoria e prática.** 12. ed. rev. São Paulo: Conceito Editorial, 2011.

RIBEIRO, M. A. **Meio ambiente e evolução humana.** São Paulo: Senac, 2013.

RODRIGUES FILHO, S; SANTOS, A. S. **Um futuro incerto:** mudanças climáticas e a vida no planeta. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

SACHS, J. D. **La era del desarrollo sostenible:** nuestro futuro está en juego: incorporemos el desarrollo sostenible a la agenda política mundial. Traducción de Ramón Vilà. Barcelona: Ediciones Deusto, 2015.

SERRES, M. **O mal limpo:** poluir para se apropriar? Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VEIGA, J. E. **Sustentabilidade:** a legitimação de um novo valor. 2. ed. São Paulo: Senac, 2010.

_____. **Desenvolvimento sustentável:** o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

_____. **Para entender o desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **Meio ambiente e desenvolvimento.** 3. ed. São Paulo: Senac, 2006.

_____; ZATZ, L. **Desenvolvimento sustentável:** que bicho é esse? Campinas: Autores Associados, 2008.

VOZMEDIANO, J. **El hombre insostenible.** Sevilla: Universidad de Sevilla, 2012.

WALDMAN, M. **Meio ambiente e antropologia.** Coordenação de José de Ávila Aguiar Coimbra. São Paulo: Senac, 2006.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

CARVALHO, S. A. A Despropriação e o Desapossamento do Mundo Natural. **Rev. FSA**, Teresina, v. 19, n. 12, art. 5, p. 109-122, dez. 2022.

| Contribuição dos Autores | S. A. Carvalho |
|--|----------------|
| 1) concepção e planejamento. | X |
| 2) análise e interpretação dos dados. | X |
| 3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo. | X |
| 4) participação na aprovação da versão final do manuscrito. | X |